



EDUCAÇÃO E VALORES

Education and values

Júlio César Castilho Razera

Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências (UNESP), Doutorando do Programa de Educação para a Ciência (UNESP), São Paulo, SP – Brasil, e-mail: juliorazera@uesb.br

ARAÚJO, U. F.; PUIG, J. M.; ARANTES, V. A. (Org.). **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007. (Coleção pontos e contrapontos).

O livro intitulado “Educação e Valores”, publicado em 2007 pela Summus Editorial e integrante da coleção “Pontos e Contrapontos”, foi organizado pela professora Valéria Amorim Arantes, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O conjunto da obra apresenta textos e diálogos de Ulisses Ferreira de Araújo e Josep Maria Puig, ambos reconhecidos especialistas nas temáticas que envolvem educação e moralidade. Aliás, para caminhar nessa estrada tão espinhosa, controversa e com diferentes entroncamentos que unem duas das mais complexas áreas - educação e moral - não cabem inexperiências, incompetências ou superficialidades. Então, as discussões aparecem em boas mãos, ou melhor, em sólidos e consistentes argumentos que convidam os leitores para o ingresso e acompanhamento dos dois nessa caminhada. Sem tropeços e de forma bastante clara na defesa de suas teses, mesmo que não compartilhadas na íntegra com outras posições da literatura que trata sobre o assunto, os autores dão conta de seus objetivos. E mais, inserem novos elementos ao conjunto de discussões sobre o tema.

Somam-se três partes no conjunto do livro, assim distribuídas: “Educação e valores”, “Pontuando e contrapondo” e “Entre pontos e contrapontos”. Como mencionado pela professora Valéria Amorim Arantes, na primeira parte “cada um dos autores produziu um texto apresentando e sustentando seus pontos de vista sobre a temática em questão” (p. 10). Na segunda, após cada um deles ter conhecimento do texto do outro, foi previamente solicitado que “pontuassem dúvidas e/ou eventuais discordâncias sobre as ideias” do texto apresentado pelo colega. Cada um pôde, então, a seguir, “esclarecer, explicar, defender, demarcar, rever, repensar e/ou reconsiderar suas ideias” (p. 11). Na terceira e última parte, a organizadora da obra, professora Valéria, listou quatro perguntas comuns a ambos, “preparadas com base nos pontos convergentes e divergentes do diálogo até aquele momento” (p. 11).

Tendo-se esclarecido o design estrutural da obra, podemos agora nos ater um pouco mais em seu percurso, isto é, aos conteúdos e fundamentos dos pontos e contrapontos apresentados pelos dois autores. O professor Ulisses seguindo-se por bases de teorias da complexidade, o que pode causar inicialmente certa surpresa, já que seus trabalhos anteriores se pautavam por outras linhas mais tradicionais de pensamento, e o professor Puig discorrendo, entre outros aspectos, sobre a educação em valores no ensino formal. Vamos a esses textos precursores dos instigantes diálogos e questionamentos que completam o livro.

Sob o título “A construção social e psicológica dos valores”, o texto do professor Ulisses Ferreira de Araújo, como ele próprio menciona, é construído “na intersecção entre a psicologia e a educação” (p.18), suas duas áreas de formação. Na trajetória de busca que traça sobre os conceitos e as construções dos valores, no subtítulo denominado “O que são e como são construídos os valores?” (p. 19), chega-se a uma relação entre a identidade do sujeito e a organização de um sistema subjetivo, no qual “o sistema de valores de um sujeito se organiza de maneira bastante complexa e os valores jamais se projetam de modo isolado no objeto da relação” (p. 25). Nesse caso, haveria valores morais e psíquicos atuantes. Enquanto o valor psíquico é inerente à natureza humana e a construção ocorre desde o nascimento com base nas interações, o valor moral depende da qualidade das interações e não é obrigatoriamente construído.

A partir desse ponto de incerteza e de indeterminação sobre o processo de construção de valores, dentro dos quais apresentam-se alguns novos desafios para a educação, o professor Ulisses aproxima-se de teorias da complexidade (no subtítulo “Teoria da complexidade e a construção de valores”, p. 28), especialmente de trabalhos de Edgar

Morin, “como forma de entender de que maneira se dá a relação do sujeito com o mundo externo e interno, e as infinitas relações possíveis de ser construídas” (p. 29).

Enfim, o modelo conceitual trazido pela teoria da complexidade aponta uma nova perspectiva sobre como pode ser compreendida a construção dos valores morais e psíquicos, e sobre como são construídos sobre as inter-relações possíveis entre cada pessoa e um universo complexo de objetos, pessoas, relações e o próprio sujeito (p. 33).

Apesar de pontos abertos a debates, como deixa claro o autor, aparece nessa linha de pensamento um outro perfil de concepções e explicações que permite repensar procedimentos e estratégias para uma educação em valores. Procedimentos e estratégias que não descartam a priori a abordagem pedagógica pautada nos princípios do construtivismo, mas que também inserem e associam o fenômeno da complexidade de construção de valores ao ensino escolar. A proposta que o professor Ulisses apresenta, segundo ele mesmo denomina, é “a unidade complexa”. Essa proposta, não tão simples de ser formalmente implementada, teria bases “na criação de um ambiente ético de convívio, na escola e fora dela, pautado em valores como ética, democracia e direitos humanos” (p. 37).

Criar esse ambiente ético na escola e em seu entorno não é tarefa simples, mas a sociedade e os educadores necessitam de metas-alvo para saber onde devem dirigir suas ações e esforços. Penso que a criação desses ambientes possa se dar, pelo menos inicialmente, alicerçada em três tipos de ações independentes mas complementares: a) a inserção transversal e interdisciplinar de conteúdos de natureza ética no currículo das escolas; b) a introdução de sistemáticas que visam à melhoria e à democratização das relações interpessoais no dia-a-dia das escolas; c) uma articulação dessas ações com a família e com a comunidade onde vive a criança, de forma que tais preocupações não fiquem limitadas aos espaços, aos tempos e às relações escolares. (p. 37-38).

Não apenas com essas bases teóricas ao seu lado, mas atuando em ações concretas em algumas escolas brasileiras, o professor Ulisses apresenta no decorrer de seu texto exemplos que podem ser colocados em prática. Dentre eles, destacamos as assembleias escolares, isto é, “o

momento institucional da palavra e do diálogo [...] em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar aquilo que os seus membros consideram oportuno” (p. 50).

Aqui nesse ponto, o autor há de me permitir uma digressão, pois conforme eu seguia na leitura de seus argumentos bem consistentes e sólidos sobre o modelo das assembleias, ante possibilidades de diálogo, negociação, igualdade de direitos de expressar, elaboração de regras e respeito mútuo que elas propiciam, reporte-me à teoria de ação comunicativa de Jürgen Habermas que, em outras bases e dimensões, porém, não tão distantes da apresentação argumentativa do professor Ulisses, discorre sobre esses mesmos elementos que se inserem na *ética do discurso* e nos aspectos inerentes de intersubjetividade.

Dito isso, o texto segue ao seu final caracterizando os diferentes tipos de assembleia escolar, organizados inicialmente em três níveis: “nas salas de aula, na escola e entre os profissionais que atuam no espaço da escola” (p. 53). A esses três tipos junta-se um quarto nível, “que são os programas que visam levar famílias e comunidades a se aproximar da escola e de seu projeto educativo” (p. 53).

Sobre o texto do professor Josep Maria Puig, intitulado “Aprender a viver”, já foi mencionado anteriormente que esteve pautado numa perspectiva da educação em valores no ensino formal. Para tanto, o autor apresenta quatro temáticas: “Origem da moralidade”, “Compartilhamos alguma qualidade moral?”, “Como educar em valores?” e “Para um projeto de educação em valores” (p. 65-66).

Na primeira, discorre sobre as quatro éticas para aprender a viver, assim expostas: aprender a ser (auto-ética), aprender a conviver (alter-ética), aprender a participar (socioética) e aprender a habitar o mundo (ecoética). Na segunda, discute as possibilidades de compartilhamento de valores na diversidade em que se expressam, referindo-se aos fenômenos do multiculturalismo e da globalização. Para Puig, depois de detectadas as coincidências de valores (universais?), poderia haver um comprometimento de trabalho nos dinamismos morais para tal compartilhamento. Na terceira, como o próprio título diz, são apresentadas algumas ações para a educação em valores, compreendidas em três níveis: interpessoal (entre educadores e alunos), curricular (em diferentes disciplinas) e institucional (no ambiente escolar). Na quarta, o autor formula e comenta suas dez propostas para a educação em valores nas escolas, assim intituladas: reforçar a consideração distribuída e compartilhada de educação em valores; conhecimentos e procedimentos para formar cidadãos; educação laica e cultura religiosa;

uma orientação com tempo suficiente para educar em valores; construir uma cultura moral de centro que impregne valores nos alunos; a participação como a melhor escola de cidadania; a formação cívico-moral pela aprendizagem-serviço; as escolas como centros de cultura e civismo abertos à comunidade; um novo perfil de educador para impulsionar a convivência, a participação e o civismo; formação, inovação e investigação para uma melhor educação cívico-moral.

Anteriormente fiz breve menção às ideias do professor Ulisses, nas quais percebi relativa e cautelosa aproximação com pressupostos teóricos da ação comunicativa de Habermas. Essa mesma percepção ocorreu na minha leitura sobre as propostas do professor Puig, que por ele próprio se confirmou mais adiante na seguinte nota: “A obra de Jürgen Habermas em seu conjunto fundamentou amplamente os aspectos que temos enunciado” (p. 84). Nesse caso, podemos observar nas ideias dos dois autores do livro pontos de intersecção baseados em princípios democráticos para um mundo melhor, construído por meios ético-dialógicos e intersubjetivos, no qual a escola tem um papel de relevância.

Para finalizar os comentários sobre os dois textos que iniciam a obra, cabe ressaltar as pertinentes referências bibliográficas de ambos, juntando-se nomes e obras tradicionais ou mais recentes, porém, todas importantes na temática em foco (destacando-se, especialmente, Lawrence Kohlberg, Jean Piaget, Karl-Otto Apel, Jürgen Habermas, John Rawls, Augusto Blasi, além dos próprios autores).

Ao término desses dois textos, já na segunda parte do livro, um apresenta ao outro alguns questionamentos. O professor Ulisses chama o colega a se posicionar sobre (i) os aspectos psicológicos da apropriação de certos valores em detrimento de outros, (ii) as capacidades da inteligência moral, (iii) as correlações entre moral e religião no âmbito da escola pública e (iv) o papel da escola e a competição no mundo atual. Por outro lado, o professor Puig solicita a Ulisses refletir e comentar um pouco mais sobre suas ideias referentes (i) aos aspectos de afetividade na construção de valores, (ii) às aproximações e/ou transposições de teorias da complexidade e da incerteza para a educação em valores nas escolas, (iii) às possibilidades concretas de transformação da escola e seu entorno numa comunidade democrática e (iv) às capacidades formativas dos professores para a implementação da educação em valores nos pressupostos defendidos.

Na terceira e última parte do livro, a professora Valéria convoca ambos a comentar sobre (i) as polêmicas entre o relativismo e o universalismo moral, (ii) a relação entre afetividade e cognição no

processo de construção da moral, (iii) as relações entre educação em valores e teoria do caos e (iv) a crise de valores atualmente difundida e as diferenças de épocas e de concepções em gerações anteriores.

Por fim, as respectivas respostas, os argumentos e os diálogos entre ambos trazem mais que um convite à leitura, pois se apresentam ao leitor como um rico e consistente material de capacitação para aqueles que se preocupam com a ética e vêm a escola na base de sua consecução.

Os fragmentos citados a seguir exemplificam algumas das ideias defendidas por seus autores no livro ora resenhado e a preocupação deles com a formação ética para se almejar uma sociedade melhor:

Longe de ser algo dado de antemão, a educação moral concebida como processo de construção visa formar sujeitos que pensem, julguem, criem, critiquem, elaborem, reconheçam, decidam por si mesmos [...]. Admitir essa vertente autônoma da moralidade humana não significa, porém, negá-la como produto cultural e social. (p. 10).

Entender o funcionamento psicológico do ser humano e como cada pessoa se relaciona consigo mesma e com o mundo à sua volta pode ajudar na construção de procedimentos e estratégias mais *eficientes* que permitam a construção efetiva de valores éticos desejáveis por uma sociedade que almeja alcançar a justiça social, a igualdade e a felicidade para cada um e todos os seres humanos. (p. 18).

Um das melhores maneiras de incrementar a compreensão e o reconhecimento do outro e compartilhar projetos de ação que aproximem os objetivos dos participantes e os convidem a realizar tarefas comuns. Além disso, a realização de projetos de colaboração é a demonstração mais clara de que se chegou a um alto nível de convivência. (p. 71).

Recebido: 10/11/2008

Received: 11/10/2008

Aprovado: 15/12/2008

Approved: 12/15/2008

Revisado: 17/09/2009

Reviewed: 09/17/2009